

A Serrança da Velha

→ **Classificação:** Práticas culturais – Celebrações – a Serrança da Velha

→ **Assunto:** Descrição das brincadeiras que os rapazes faziam na tradição da Serrança da Velha, entre o Carnaval e a Páscoa.

→ **Região:**

- **Distrito:** Lisboa
- **Concelho:** Torres Vedras
- **Localidade:** Maceira

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Júlia Luís
- **Data de nascimento:** 1942
- **Residência:** Maceira

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Filomena Sousa
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2010
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 00:02:57

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Setembro 2012
- **Palavras:** 330

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Ana Sofia Paiva
- **Data de execução:** Setembro 2012
- **Palavras:** 347

A Serrança da Velha

[Havia a Serrança da Velha. No meu tempo já não havia. Havia, sim, no tempo do meu pai. Havia... Está aqui a Dona Júlia, talvez consiga explicar melhor. A Velha era a primeira avó, quando tinha o neto pela primeira vez. E era considerada a Velha. E então a Serrança da Velha era no meio da Quaresma, aquele dia ali no meio da Quaresma, entre o Entrudo e a Páscoa. Então os rapazes juntavam-se em grupos e iam serrar a velha com uns serrotes velhos, com umas latas, e faziam barulho com os serrotes nas latas. Pingalhada, chalreada, barulheira. E iam à casa desta e à casa daquela. Mas normalmente cantavam – eles cantavam – versos feitos por eles. Mas nunca era versos – como é que hei-de dizer?... – a elogiar.. Era sempre a dizer mal: e tu és assim, tu vais ser assado, e essas coisas. E normalmente eram sempre mal recebidos. As pessoas das casas ou fechavam-se, ou atiravam com coisas: ó seus assim, ó seus assado... Vinham sempre maldizer, a correr com os rapazes. Sei de alguns casos que até pancadaria apanhavam. Outros, tropeçavam e caíam... E era assim.]

Mas eles andavam até de manhã [...] a fazer isso. Ainda me lembro dum... O meu irmão queimou-se; queimou-se... Até fui eu. Até fui eu... Fui lá espezitar o fogão a petróleo, não sei como é que fiz aquilo: com um caniço, e lá foi tudo. Caiu-lhe em cima [...]. Bem, mas a minha mãe estava aflitíssima com o miúdo queimado e olha o verso que eles lhe foram fazer:

Eu venho aqui!...

Mas eles diziam sempre: *Eu venho aqui!...* Mas...

Eu venho aqui!...

Mas não era para dizer nada!

Alevanta-te, ó Delfina

Que tens o teu filho com a barriga queimada!

Olhem bem. Olhem bem! A mulherzinha aflita e eles... Mas muitos, muitos... Eles diziam muita coisa, mas esse ficou-me. Porque a minha mãe ficou muito aflita.

[Ainda se lembra desse verso, pois...]

Ainda me lembro desse verso.

[Eu realmente não me lembro de nenhuns porque já nunca... nunca colaborei, nunca assisti a isso. Ainda se falava, mas já não...]

Eles começavam sempre por: *Venho aqui!* Depois era com o harmónio, a fazer muito barulho com os harmónios.

Informante: Júlia Luís
2010/Torres Vedras